

O “mundo virtual” e a formação do leitor no Ensino Médio

Bianca Cristina Buse

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A importância da leitura na formação do aluno como cidadão é um tema que vem sendo amplamente discutido no meio acadêmico. No entanto, dentro deste novo contexto da cibercultura, surgem algumas indagações: o que é formar leitores na contemporaneidade? A leitura em ambiente hipertextual demanda a formação de um novo tipo de leitor? O leitor acostumado à leitura no meio impresso transita, com facilidade, para o meio eletrônico? Diante desses questionamentos, propõe-se aqui uma reflexão a respeito da formação de leitores nesse “mundo digital”, partindo do reconhecimento do papel social da leitura e da importância da formação de leitores, passando pela identificação dos diferentes suportes de leitura aqui abordados (impresso e eletrônico) e, finalmente, discutindo o futuro da leitura mediante o avanço da era digital.

Palavras-chave

Cibercultura; formação de leitor; suportes de leitura.

Abstract

The importance of reading in the student's formation as a citizen is subject that has been widely discussed issue in the academic circles. However, within this new context of cyberspace, some questions arise: what is to form readers in the contemporary world? Reading in a hypertextual environment requires the formation of a new type of reader? Can the reader used to read on the printed medium easily switch to the electronic one? Faced with these questions, we propose a reflection regarding the readers' formation in this “digital world”, from the recognition of the social role of reading and the importance of the readers' formation, through the identification of different reading supports (printed and electronic), and, finally, discussing the future of reading through the advance of the digital age.

Key words

Cyberculture; reader's formation; reading supports.

A importância da leitura e seu papel social

Já há muito tempo vem se falando sobre a importância da leitura no desenvolvimento do aluno como cidadão e, em prol disso, inúmeros programas do governo têm contribuído para o incentivo à leitura (PROLER, PRÓ-LEITURA, PNBE – Plano Nacional de Biblioteca Escolar, PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura etc.), assim como também vem ocorrendo muitas

pesquisas acadêmicas nessa área, objetivando estimular a formação do leitor.

Também é sabido que ler não é apenas decodificar símbolos; vai muito além disso, como nos aponta Villardi:

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 4)

E pensando nessa concepção de leitura, não podemos deixar de destacar a relevância do leitor neste processo. Com o desenvolvimento dos estudos da Estética da Recepção, o receptor do texto, o leitor, passa a ser visto como um elemento ativo no processo de leitura, como “o protagonista do ato de ler” (LOIS, 2010, p. 31), e o seu “horizonte de expectativas” (JAUSS, 1994), seu conhecimento de mundo é fator essencial na recepção da obra literária.

A sociologia da leitura também tem como objeto de pesquisa o leitor e considera que fatores sociais interferem no processo de formação do gosto da leitura, por exemplo. Para além da análise da recepção de textos literários, a sociologia da leitura trabalha com a leitura em si e com aspectos externos, como a circulação e o consumo de livros de acordo com o contexto social em que o leitor está inserido.

Este foco no leitor, seja com a Estética da Recepção ou com a Sociologia da Leitura, é de fundamental importância para compreendermos: que a leitura pode afetar (e ser afetada) diretamente o leitor; que o gosto pela leitura, assim como sua prática, podem ser entendidos como construções sociais; que o sujeito leitor tem a possibilidade de amadurecimento – individual e intelectual – com a prática da leitura; e que a leitura pode propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua visão crítica do mundo e seu estabelecimento como cidadão, como coloca Danielle Brito:

[...] é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. (BRITO, 2010, p. 1)

Nesse sentido, e pensando na formação do leitor, fazemos aqui um recorte, optando por discutir essa questão no âmbito da escola, mais precisamente no Ensino Médio, pensando que o atual processo de leitura de literatura que ocorre no Ensino Médio não propicia o estímulo no jovem estudante para o desenvolvimento do hábito da leitura, tendo em vista que prioriza a visão fechada de ensino da história da literatura, sem estimular a busca pelas diversas leituras que são permitidas ao texto literário, enquanto instrumento de pluralidade de significações.

Refletindo sobre o papel da leitura na escola e a importância da formação do aluno como

leitor, entendemos que o professor deve compactuar com essa formação, buscando estimular a capacidade do discente de interagir com o conhecimento de forma autônoma, o que o beneficiará, depois, no cumprimento de seu papel de cidadão, conforme nos aponta Lena Lois:

Se a prática da leitura não está incorporada, o desenvolvimento da cidadania também fica comprometido. Se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também. (LOIS, 2010, p. 19)

Visualizando a leitura como essa prática social, que possibilita o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia, fazemos aqui uma ponte com a Estética da Recepção e com as referências de Jauss (1994), depreendendo que o processo de valorização do leitor, e de seu horizonte de expectativas (suas impressões e seu conhecimento prévio), é fundamental para a compreensão desse processo de leitura de Literatura.

Dessa forma, o efeito provocado pela leitura está vinculado ao conhecimento prévio do leitor, às suas experiências, e é isso que influencia a atualização da leitura de forma diferenciada entre os leitores, pois a recepção da obra não é igual para todos, já que suas histórias de vida também não são as mesmas.

Depois de identificarmos a importância que a leitura tem no desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão, e que esse leitor tem um papel essencial na Literatura, não podemos ignorar outro questionamento: como as aulas de Literatura, no Ensino Médio, têm contribuindo para a formação do aluno leitor? Para refletirmos a respeito disso, vamos entender, antes, como ocorre a leitura de Literatura no Ensino Médio hoje.

A leitura dentro da disciplina de Literatura no Ensino Médio

Não é difícil perceber, hoje, seja em conversa com professores e alunos das mais diversas escolas ou analisando as pesquisas e estudos que se debruçam sobre a questão do ensino de Literatura e da leitura, que as aulas da disciplina de Literatura não são, geralmente, apreciadas por grande parte dos alunos do Ensino Médio, aliás, muito longe disso. Muitos desses discentes chegam ao Ensino Médio com uma certa aversão à leitura e à Literatura.

Para tentar entender esse resultado, devemos procurar verificar como tem se processado essas aulas de Literatura, muitas vezes na exigência de memorização de uma quantidade enorme de informações “literárias” (características de cada escola literária, dados biográficos de autores etc.), na insistência do confronto do aluno com obras literárias muito alheias à sua realidade e na transformação de uma obra de arte em um mero objeto de estudo. Com isso, não é difícil entender o

motivo pelo qual os alunos de Ensino Médio rechaçam a disciplina de Literatura, entendendo-a como trabalho inútil. É fato que essa prática pedagógica não atinge, em absoluto, o interesse dos alunos e não acrescenta, significativamente, bagagem cultural a esses jovens.

É preciso sinalizar, também, que esse aluno do Ensino Médio, na maior parte das vezes, já não tem mais contato com o texto literário na íntegra, apenas com fragmentos que são usados como exemplos para a compreensão da gramática ou como modelo para exemplificar características de determinada escola ou gênero literário, como indica Todorov (2009), em *A Literatura em perigo*. Isso contribui ainda mais com o desinteresse do corpo discente pela leitura literária. E o autor assevera:

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, p. 10)

Essa “escolarização da Literatura” e o despreparo do professor para uma nova concepção de trabalho de leitura afastam o estudante do caminho prazeroso da leitura literária. E, nesse sentido, não podemos deixar de retomar aqui a reflexão de Rubem Alves a respeito do prazer da leitura:

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler mas que, vida a fora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano. (ALVES, 2008, p. 61)

Portanto, não se deve imaginar a leitura da Literatura no Ensino Médio como um jogo de cartas marcadas, como apenas o cumprimento, página após página, do conteúdo programático apresentado pelo livro didático. Ao contrário, o estímulo à leitura deve ser uma constante, e sempre de forma a possibilitar que não seja um exercício de análise da mensagem subentendida, mas sim um passaporte para a viagem metafísica que o leitor tem direito a fazer (escolhendo o meio de transporte, a classe, a duração e sem destino predefinido).

Conforme nos aponta Luzia de Maria, em seu livro *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?*, “conhecer a Literatura é ler a Literatura, não é decorar dados e datas a seu respeito” (MARIA, 2009, p. 121).

Entretanto, também é preciso ter cuidado com as indicações de obras literárias, principalmente com relação à fixação destas escolhas apenas nos cânones literários. Já há vários estudiosos que apontam para uma abertura maior e mais flexível nessa escolha de títulos, não se

fechando apenas entre obras clássicas. Afinal, toda leitura é válida neste momento de iniciação literária, como apontou José Mindlin, em *No mundo dos livros*:

[...] a leitura é um mundo de liberdade intelectual. É quase irrelevante que as primeiras leituras tenham, ou não, a assim chamada ‘qualidade literária’, embora obviamente quando a tiverem será preferível. A seleção vem com o tempo, o importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura (MINDLIN, 2009, p. 17).

Luzia de Maria diz não achar justo que se espere que estudantes que tiveram pouca ou nenhuma leitura de obras literárias comecem a ler pelas “obras-primas” (MARIA, 2009, p. 45). E acrescenta:

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade de leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis, por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura. (MARIA, 2009, p. 159)

Em se tratando de leitura dentro da disciplina de Literatura, o objetivo deve ser propiciar ao aluno o desenvolvimento da visão crítica do mundo e habilidade de leitor proficiente dos diversos gêneros representativos de nossa cultura. Porém, apesar de abrir novos horizontes, estimulando a formação crítico-participativa dos alunos, essa proposta, na maioria das vezes, não sai do papel ou do discurso.

E a grande pergunta que fica é: por que esse panorama da questão da leitura e do ensino da Literatura no Ensino Médio continua tão angustiante se a maior parte dos professores já tem consciência de todos esses dados levantados aqui? Por que eles ainda insistem em manter a metodologia tradicional de ensino da Literatura, partindo do estudo da periodização literária e fixando as leituras apenas em fragmentos de obras consideradas cânones literários, sem levar em consideração a formação do leitor?

Será que uma resposta para isso está na questão desse professor não ser efetivamente um leitor? Mas é possível conceber a ideia de um professor de Literatura não ser um leitor de Literatura?

E, neste ponto, entramos em uma questão bastante preocupante: como pode um professor ser formador de leitores se ele mesmo não é um leitor? Parte-se do pressuposto de que para formar leitores é preciso, antes, constituir-se leitor.

De acordo com Fabiane Burlamaque, diversas pesquisas com foco na questão da leitura no Brasil mostram que muitos professores são não leitores (BURLAMAQUE, 2006, p. 82) e isso é lamentável, pois “[...] a experiência leitora do professor é um dos componentes imprescindíveis no trabalho que ele desenvolverá em sala de aula com o objetivo de formar novos leitores literários” (BURLAMAQUE, 2006, p. 83).

A respeito desse assunto tão complexo, Luzia de Maria também traz sua reflexão:

[...] é necessário que o professor seja um leitor [...], um bom leitor. Que tenha uma rica bagagem de leitura. E aqui reside um dos grandes problemas da educação no país, acho que certamente o maior dos problemas: boa parte dos professores que saem das faculdades, formados nos cursos de letras ou pedagogia, ostenta um diploma de licenciatura, mas *infelizmente não são leitores*. [...] Enquanto os alunos-futuros-professores não construírem suas histórias de leitor, enquanto não enraizarem em suas vidas a leitura como prática emancipatória, a leitura como espaço de conhecimento e experiência, enquanto não se tornarem leitores autônomos, leitores plenos, pouca condição terão de formar leitores em suas salas de aula. Formar leitores deve ser prioridade, porque é uma questão estratégica para o desenvolvimento de um povo. (MARIA, 2009, p. 160-161, grifo nosso)

Como podemos pensar que um professor que não lê pode introduzir seus alunos nesse mundo literário? Como esse docente, não leitor, poderá orientar esse aluno que ainda não possui um repertório de leituras, que não tem referências e, portanto, não sabe por onde ingressar naquilo que, para ele, ainda é algo totalmente novo e fora de sua realidade? Para Maria (2009) “[...] um dos obstáculos para o sujeito começar a ler é justamente ele não saber por onde começar; é a angústia de chegar a uma livraria ou a uma biblioteca e não saber o que escolher [...]” (MARIA, 2009, p. 17).

E o fato de não ser leitor irá afetar o compromisso desse professor em formar leitores em suas aulas:

[...] o professor que “escolhe” não ser um leitor da arte, um leitor de Literatura, reflete em sala de aula suas opções. Consequentemente, cairá em contradição quando cobrar de seu estudante um posicionamento leitor. O professor que não tem envolvimento com esse tipo de texto anuncia-se como um profissional distante da cultura e restrito à sua ação pedagógica. (LOIS, 2010, p. 76)

Esta questão de *professor não leitor* é muito inquietante; todavia, não se pode jogar toda a responsabilidade dessa postura não leitora exclusivamente nas costas dos professores como sendo apenas o resultado de uma escolha pessoal. É necessário investigar as causas desse ‘abandono’, buscar entender por que isso acontece e, ao mesmo tempo, procurar estabelecer meios de recuperação desse professor-leitor.

Dentre as inúmeras possibilidades de identificação das potenciais causas desse problema, destacamos: a deficiência já na formação desses professores, com grades curriculares de cursos universitários bastante ultrapassadas e com a falta de foco na formação desse futuro professor como leitor literário; a falta de reconhecimento e valorização do profissional professor, o que acaba desmotivando o mesmo; a baixa remuneração que, em alguns casos, obriga o professor a ter um número de aulas muito grande, fazendo com que não disponha de tempo livre suficiente para seu aperfeiçoamento pessoal e profissional; a cobrança penosa de alguns processos seletivos de ingresso em universidades (o temido vestibular), que impõe conteúdos obrigatórios, ainda, ultrapassados ou sem valorização do papel social da leitura; dentre outras causas.

De fato, todo esse levantamento é real e influi de forma bastante negativa na constituição do professor leitor, entretanto, não se pode usar isso como desculpa ou amparo para se permanecer estagnado; é preciso, de alguma maneira, procurar lutar contra esses impasses, estabelecendo propostas que venham a contribuir com o grande objetivo aqui colocado: a constituição do professor leitor para buscar a formação de leitores.

E, além disso, é preciso também discutir o que se está lendo nas salas de aula do EM. E com qual objetivo se dão as escolhas dessas leituras: se são apenas para cumprir um programa didático ou se realmente visam à formação do leitor.

Numa possibilidade de melhorar esse contexto, visando à formação de leitores, acreditamos que a leitura será benquista pelos alunos se os textos se relacionarem, de alguma forma, com a realidade que os cerca, e com seus interesses. Uma vez que consiga se reconhecer e reconhecer “seu mundo” nas leituras propostas pela escola, o aluno poderá encontrar a motivação necessária para vir a se tornar um leitor e, assim, as leituras realizadas poderão agregar mais conhecimento à sua vida, como Gizelle Corso e Josiele Ozelame comentam:

A leitura de textos por lazer/prazer permite que os alunos estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento, extraindo diferentes conteúdos, fazendo diversas conexões a partir de suas experiências do dia a dia. (CORSO; OZELAME, 2009, p. 72)

Tendo em vista que o dia a dia da sala de aula, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, pode ser tornar notoriamente desestimulante e massacrante, tanto para o aluno, como para o professor, se não houver a insistência diária no desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem mais interativo e estimulante, o professor precisa sempre buscar novas alternativas de ensino e de inserção do conteúdo aplicado no mundo real para que o aluno possa se motivar com as quebras de rotinas e entender a importância do estudo para o seu desenvolvimento enquanto cidadão.

A partir de toda essa reflexão, sugere-se, então, que o professor inicie o trabalho com a literatura a partir da leitura de textos contemporâneos, que estejam mais próximos à realidade dos alunos, evitando, assim, aquele bloqueio inicial que se cria ao apresentar a literatura ao estudante a partir de textos do trovadorismo, classicismo, barroco etc. Fazendo um caminho contrário, do mais contemporâneo ao mais antigo, esse professor pode vir a conquistar o aluno e, após certa maturidade de leitura, este terá bagagem para ler uma obra clássica, compreender e apreciar, ou renegar, mas já com argumentos sólidos para isso.

Pensando nisso, uma proposta fundamentada na Estética da Recepção poderia introduzir esse aluno, no mundo literário, de uma maneira gradativa, primeiro estabelecendo uma relação com o horizonte de expectativa do discente (seu conhecimento de mundo), fazendo uso de textos com

temática e linguagem mais próximas de sua realidade, para depois, aos poucos, ir ampliando seu repertório.

Nessa mesma perspectiva, José Luís Jobim aposta numa espécie de “gradação textual” como método de inserção da literatura na vida escolar, de forma a fazer com que o aluno se sinta mais à vontade com os textos e possa, gradativamente, ir aperfeiçoando e alargando seu horizonte de leituras:

A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma “gradação textual” para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil para ele, para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil [...] a partir do momento que despertamos a atenção do educando para a Literatura, a partir de textos mais “fáceis”, poderemos, com melhor efeito, introduzi-lo no mundo das linguagens mais “difíceis” (por exemplo, a do Barroco), ou no mundo dos temas que não fazem parte (ainda) de seu universo. (JOBIM, 2009, p. 117)

Além disso, é fundamental que o professor procure atualizar seus métodos de trabalho em sala de aula e que busque estimular à leitura não somente em meio impresso, mas que reconheça a grande influência do meio digital na contemporaneidade.

Os diferentes suportes de leitura

Como formar leitores no século XXI? Quais são os espaços para a formação desse leitor e em quais suportes ocorre a leitura? Como estimular a leitura literária nos jovens do Ensino Médio diante de tantos outros atrativos tecnológicos?

Sem dúvida, são muitos os questionamentos e nenhum apresenta uma resposta única e objetiva. Trata-se de um grande desafio, com certeza, todavia é preciso agir, pois a formação de leitores é de suma relevância na constituição de um país com cidadãos crítico-participativos.

Hoje não se pode, de forma alguma, ignorar a influência da Internet sobre os alunos e como esta, se bem utilizada, também pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem:

Usar a internet como instrumento no processo educativo amplia a comunicação entre aluno e professor, bem como o tráfego de informação educacional e cultural. O estudante tem acesso a outras realidades, a instrumentos educativos on-line, a uma infinidade de recursos que podem e devem auxiliar seu aprendizado. (MACIEL; LIMA, 2010, p. 153)

E se falando de leitura e formação de leitores no Ensino Médio, mais do que nunca, é preciso considerar além do suporte impresso – livro –, também o suporte eletrônico como meio de incentivo à leitura. A leitura em tela é mais uma possibilidade de inserção do aluno no mundo da literatura e, sem sombra de dúvida, este mundo virtual, presente nas redes sociais, nos blogs, em

sites interessantes etc., não pode ser desconsiderado, pois é um grande atrativo para os jovens do Ensino Médio.

Neste contexto da “era digital”, os leitores – tantos aqueles que já se constituíram leitores como àqueles em formação – são desafiados por este novo modelo de leitura que se processa nos meios eletrônicos; e a escola precisa, rapidamente, incorporar este novo suporte de leitura, assim como também preparar os docentes para que tenham condições de trabalhar a leitura nesse ambiente.

A leitura em ambiente hipertextual implica a formação de um novo leitor, o que já seria motivo suficiente para que a escola volte sua atenção para essas práticas. Para Santaella (1998), há três tipos diferentes de leitor: o leitor contemplativo, meditativo, associado à era do livro; o leitor fragmentado, movente, relacionado com o advento do jornal e com leituras breves e fugazes; e um novo tipo de leitor, o leitor virtual, característico de uma época em que as máquinas transformam variadas espécies de semiose em uma linguagem integrada, que a autora chama de ‘esperanto das máquinas’. (BEZERRA, 2010, p. 181)

A leitura em meio eletrônico, com os hipertextos, demanda organização para que não se perca o foco pretendido durante a navegação pelos diversos textos interligados. E o grande volume de informações que dali se pode extrair pode, ao mesmo tempo, auxiliar e atrapalhar o aluno que ainda não tem experiência com esse tipo de leitura.

Por isso, é imprescindível que os docentes estejam aptos para auxiliarem seus alunos durante este processo de conhecimento e adaptação ao novo suporte de leitura para que, efetivamente, a formação do leitor ocorra de forma satisfatória.

Uma vez que o professor tenha consciência da importância do “mundo virtual” para a formação do leitor e passe a procurar meios de usar isso dentro da disciplina de Literatura, a questão de formação do leitor, dentro do Ensino Médio, poderá ter um grande progresso; tendo em vista que grande parte dos alunos do Ensino Médio usa e, às vezes, até abusa da internet – e não se pode desconsiderar que, de uma forma ou de outra, estes jovens leem nesse “mundo digital”.

Facebook, orkut, twitter, blogs, dentro outras redes sociais, todas essas são possíveis ferramentas na formação do leitor, pois os usuários desses suportes estão sempre em contato direto com a leitura; mas, para tanto, é de extrema importância que os professores procurem conhecer seus alunos, que busquem formas de incentivar seus alunos a pesquisarem “comunidades” que possibilitem o estímulo à leitura etc. A leitura que ocorre nesses meios, ainda que seja, às vezes, superficial é um ponto de partida e, se bem trabalhada pelos professores, pode servir como trampolim para a leitura literária.

E o futuro da leitura?

E o que podemos falar a respeito do futuro da leitura? Será somente em meio eletrônico ou o suporte impresso persistirá?

Chartier (2002, p. 116) assevera que “o novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez”. Ou seja, a leitura que se processa em meio digital é mais uma aliada na formação do leitor e não deve ser encarada como o fim do suporte impresso. De acordo com Ednei Procópio,

Alguns podem achar que o livro eletrônico concorre diretamente com o livro em papel, mas na verdade o livro eletrônico concorre mais diretamente talvez com a gráfica que imprime os livros, ou com a indústria de papel, e não com as editoras em si, porque de um modo ou de outro sempre poderá haver a figura do editor que editará os livros, independente do formato que o livro assumir [foi assim do manuscrito para o papiro e, dele, para o CD-ROM, para o eBook, para o papel eletrônico e assim por diante]. (PROCOPIO, 2010, p. 69)

Portanto, “Tela e livro são complementares, e os dois suportes interagindo entre si contribuirão para o desenvolvimento da leitura.” (FREITAS, 2011, p. 212)

E, para finalizar, independente do tipo de suporte utilizado, o importante é que a leitura seja estimulada. No entanto, para que não restem dúvidas sobre a contribuição da era digital para a formação do leitor, encerro com a fala de quem há muito tempo estuda os processos de leitura e a formação de leitor:

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, esta não sofre ameaça nem concorrência. Pelo contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 31).

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BEZERRA, Benedito G. Ler e escrever no Orkut: práticas discursivas dos alunos na visão dos professores. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. *Revela*, ano IV, n. 8, jun. 2010.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis,

SP: ANEP, 2006.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORSO, Gizelle Kaminski; OZELAME, Josiele K. Corso. Escola, leitura, leitores – literatura. *Visão Global*, Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2009.

FREITAS, Maria Teresa A. A tela e o livro: um diálogo possível? In: MARTINS, Aracy A. et al. (Orgs.). *Livros & telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

JAUSS, JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura e seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACIEL, João W. G.; LIMA, Joselito E. C. Letramento digital e suas contribuições à formação acadêmica e profissional. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

MARIA, Luzia de. *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

PROCÓPIO, Ednei. *O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais*. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.